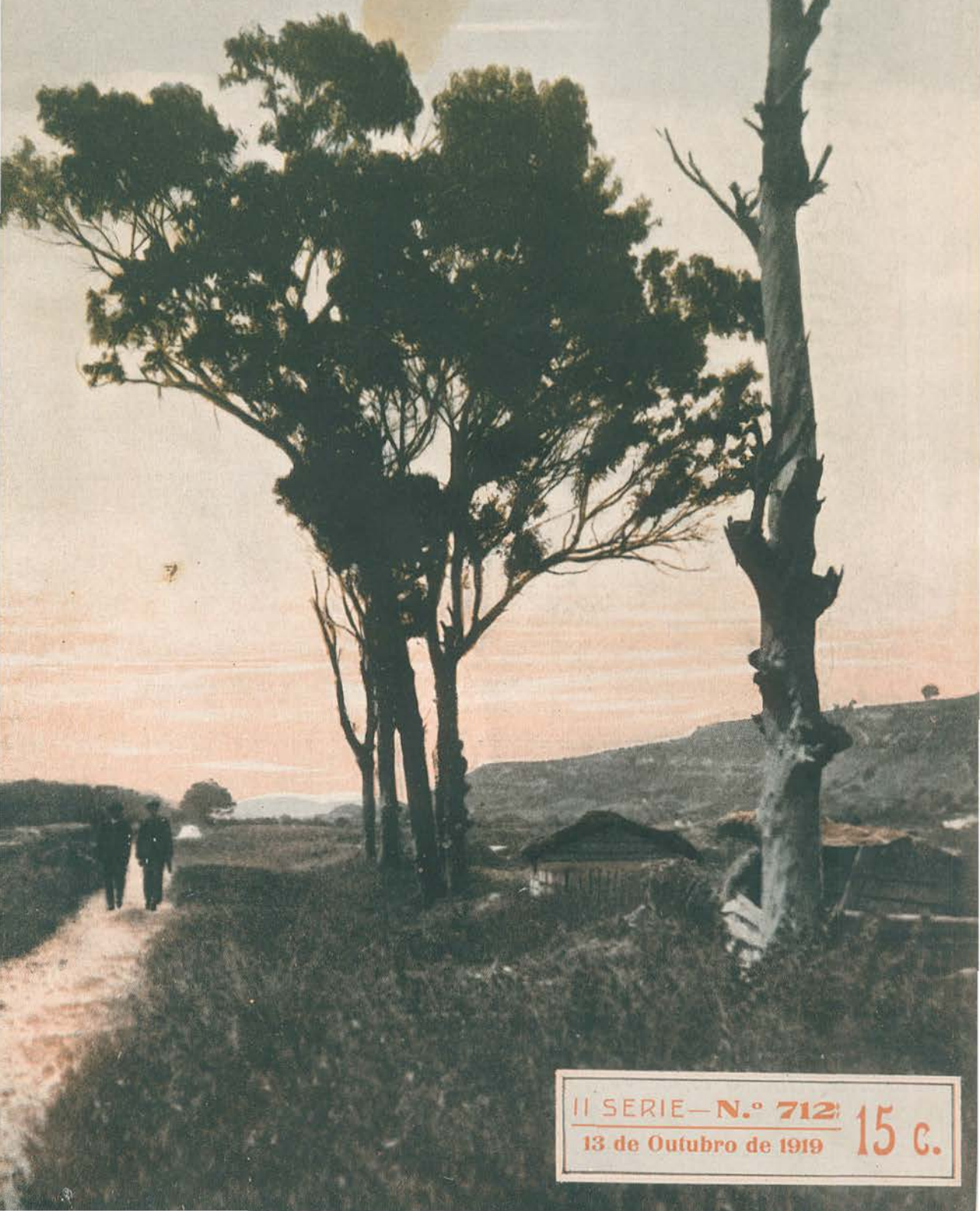


ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA



II SERIE—N.º 712 15 c.
13 de Outubro de 1919

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

Edição semanal do jornal "O SÉCULO"

Director — J. J. DA SILVA GRAÇA
Propriedade de SILVA GRAÇA, LTD.
Editor — ANTONIO MARIA LOPES

NUMERO AVULSO, 15 ctv.
Numero avulso em todo o Brazil, 700 réis.

ASSINATURAS: Portugal, Colonias portuguezas e Espanha:
Trimestre..... 1800 ctv.
Semestre..... 3875 "
Ano..... 7850 "

Redacção, administração e oficinas: Rua do Securo, 43 — LISBOA



Tem cabelos brancos?

Se os quer vêr outra vez da sua primitiva côr, não use a primeira tintura que lhe aconselhem; isso pôde ter inconvenientes maiores do que supõe: cafr-lhe o cabelo, ter irritações de pele e até envenenamentos. Ao contrario, a

"JUVENIA"

que não é tintura, mas sim um tónico, faz voltar o cabelo á sua primitiva côr, sendo não só inofensiva mas até muito conveniente, porque o fortifica e o embeleza; dá-lhe um brilho incomparavel, limpa o couro cabeludo, faz parar, em muitos casos, a queda do cabelo. Não tem nitrato de prata e não mancha a pele.

A' VENDA NA

PERFUMARIA DA MODA—5, Rua do Carmo, 7—LISBOA

o mais artistico estabelecimento de Lisboa, e nas farmacias, drogarias e principaes casas da especialidade em todo o paiz, illhas e Africa.

Os pedidos para revenda devem ser dirigidos a AYRES DE CARVALHO, Rua Ives, 31, séde dos escritórios e fabrica.

Pilulas laxativas Boissy

(SAPONACEAS)

O PURGANTE IDEAL

As unicas que purgam sem irritar

São um verdadeiro purificador do sangue, anti-biliosas e refrigerantes.

A' venda em todas as farmacias e drogarias

DEPOSITO GERAL PARA REVENDA

Vicente Ribeiro & Carvalho da Fonseca

Rua da Prata, 237, 1.º



Vêr na proxima quarta-feira o Supplemento de Modas & Bortalhos (DO SÉCULO) Preço 3 centavos

GABINETE DENTARIO

Direcção Clinica de Mario Duarte

Praça dos Restauradores, 13.

Tel. 3300 e 3652 — LISBOA

M.ª VIRGINIA CARTOMANTE-VIDENTE

Tudo esclarece no passado e presente, e prevê o futuro.

Garantia a todos os meus clientes: completa veracidade na consulta ou reembolso do dinheiro.

Consultas todos os dias uteis das 12 ás 22 horas e por correspondencia. Enviar 15 centavos para resposta.



Caçada da Patriarca, n.º 2, 1.º, Esq. (Cimo da rua d'Alegria, prédio esquina)

ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA

EDIÇÃO SEMANAL DE «O SECULO»

II Serie — N.º 712

Lisboa, 13 de Outubro de 1919

15 Centavos

CRONICA

DESVARIOS POETICOS

Quando supunhamos esgotado o cofre de surpresas que o poeta Gabriel d'Annunzio deixava escapar de vez em quando para assombrar o mundo, eis que surge mais uma, a todas superior em mirabolancia, e já agora é licito supôr que não será a ultima. Referimo-nos á que se depreende d'este telegrama, inserto no «Seculo» do dia 4:



«PARIS, 3). — Envia-mo de Fiume as seguintes declarações de d'Annunzio:

— A mesma voz de Deus que poz Joana d'Arc á testa d'um punhado de patriotas, para libertar um paiz do inimigo, enviou-me a Fiume, com o meu pequeno grupo de voluntarios. Estava no meu leito, com um forte ataque de febre, quando ouvi a voz que me disse: Vai a Fiume.»

Tragedia ou comedia? Poema épico ou simples poemeto heroi-comico? Evidentemente, o tema serve para qualquer dos dois, á vontade do literato que o versar. Em todo o caso, séde insaciavel de gloria, fim que o poeta italiano nunca julga atingido e que parece fugir-lhe quanto mais d'ele se aproxima, como a raiz do arco-iris, onde, segundo a lenda, existe um tesouro, que se afasta indefinidamente de quem pretenda tocar-lhe.

Com outra surpresa no genero d'esta, o cometimento de Gabriel d'Annunzio corre o risco de entrar definitivamente nos dominios do ridiculo, por muito grande que seja a admiração dos homens pelo poeta pelo patriota: pois não é verdade que o paralelo com a Donzela d'Orléans é particularmente infeliz?

DESABAFO

Como os males alheios, embora por condenavel egoismo, fazem sorrir o proximo, relevar-nos ha o leitor a impertinencia de lhe contarmos algumas peripecias, a que poderemos chamar ferro-viarias e que se deram comoisso.

Depois da permanencia d'um mez na Figueira da



Foz, resolvemos regressar, para o que nos dirigimos á estação dos caminhos de ferro n'aquella cidade a hora matutina, posto que na mesma estação um intelligente funcionario da Companhia, interrogado na vespera, na falta de horarios, que não existem ali, nos tivesse dito que o comboio para Lisboa era entre as 16 e 17 horas. formado um comboio junto da plataforma, pelo que perguntámos ao chefe da estação se era aquele o que passava a Leiria, povoação que desejavamos visitar. Respondendo afirmativamente o arguto cavalheiro, tomámos logar n'uma carruagem. O comboio partiu e meia hora depois um revisor d'aspecto igualmente conspicuo, pediu-nos o bilhete e com um movimento de estranheza, de facil explicação, declarou que o comboio em transitio não passava a Leiria: era o da Beira Alta e parava na Pampilhosa.

— E da Pampilhosa temos comboio que em breve nos transporte a Leiria?

— Espera na Pampilhosa até á meia noite, e d'aqui vae para Alfarelos, de onde parte um comboio que comunica com a linha de Oeste.

— Bem; vamos para a Pampilhosa.

— Tem de pagar bilhete.

— Mas não fomos nós que nos enganámos foi o chefe da estação da Figueira.

— Tem de pagar.

Pagámos, chegámos á Pampilhosa, e aí um empregado superior, todo sabedoria, esclareceu que realmente havia um comboio á meia noite para Alfarelos, mas que não comunicava com a linha de Oeste: em Alfarelos tinhamos de esperar até ás 16 horas do dia seguinte.

— E' melhor nós voltarmos para a Figueira?

— E'.

Não abusaremos da paciencia do leitor contando o resto: a surpresa do novo revisor, a admiração do chefe da estação da Figueira, o dinheiro que tudo isto custou, etc., etc. Deixem-nos, porém, registar uma frase d'un ferro-viario da estação da Amieira, onde por pouco não sofremos novo precalço, porque havia mudança de comboio e ninguém avisava de tal. Eis a frase:

— Olhe, meu caro senhor, a verdade é que ninguém se entende cá nos caminhos de ferro.

Pareceu-nos este empregado muito menos lucido do que os colegas.

A CASACA

Muito avisadamente se houve quem redigiu o programa da cerimonia da posse do novo presidente da Republica, quando determinou que o traje de casaca só fosse obrigatorio para os membros da mesa do Congresso, podendo os restantes congressistas comparecer em traje de passeio, porque se tal recomendação não fosse expressa era de recear que o numero de assistentes fosse limitadissimo e assim a cerimonia perdesse muito do seu brilho. Tivesse havido o mesmo cuidado por ocasião d'outras solenidades da Republica e não haveriamos sentido a tristeza d'alguns espectaculos de gala, no teatro de S. Carlos, com a sala vazia, apesar da larga distribuição gratuita de bilhetes por deputados e senadores.



O aviso resolveu pois o problema, mas cremos que este ainda tem outra solução, e melhor do que a primeira, o qual consiste em se munirem de casaca os membros do Congresso e outras pessoas de representação; quem julga que com democratas deve andar sem colarinho labora em erro semelhante ao dos martyres do Cristianismo, que para merecerem o reino dos Céus não sacudiam a bicharia do corpo...

O JOGO

Uma das novidades que certamente vamos encontrar em Lisboa (novidade, porque uma impertinente «Influença» nos tem privado ultimamente da leitura de jornais) é a regulamentação do jogo.



Nas pralas e terras por onde andámos este é publico, as «fichas» da roleta e do monte circulam como moeda corrente e pessoas respeitabilissimas fazem banca, entre as quais varios abades e bachareis em direito, de prohibida exemplar e rigidos cumpridores das leis.

Está, pois, regularizado o jogo; as nossas felicitações ao govêrno.

Acacio de Paiva.

(Ilustrações de Rocha Vieira).

A Historia da Carochinha (Cosido e Assado no Caldeirão) por

Eduardo
Schwalbach



Chegou o domingo, tres dias depois do casamento da Carochinha com o João Ratão, tres dias cheios de sol e de alegria para os bem-casados. Cinco minutos antes do bater das dez horas, saíram os dois de casa, de braço dado, e tic-tic, tic-tac pela rua fóra, encaminharam-se para a missa. Do largo, ao fundo, desembocaram o Cão e os seus companheiros, que tinham estado á espreita na taberna da Gata Tartaruga. Apressaram o passo e ao chegarem debaixo da janela da Centopeia, o Gato soltou tres miaus. Abriam-se as persianas e ela disse lá de cima:

— Eu desço.
Num abrir e fechar de olhos, estava rodeada dos conspiradores e dizia-lhes baixinho:
— Prometi-lhes que hoje, domingo, tudo ficaria resolvido. E vai ficar.
— Como? perguntaram, ansiosos.
Tendo verificado que ninguém os ouvia nem via, a Centopeia, fazendo apertar a roda em volta dela, deulhes conta do seu plano:
— A Carochinha poz a panela ao lume e foi á missa com o João Ratão. Quem a ajudou a vestir fui eu e, quando ela ia na escada, tirei-lhe surretamente o léque da algibeira. Ora a Carochinha chega á missa, sente calor, quer abanar-se, não encontra o leque, manda-o buscar pelo João Ratão, o João Ratão entra em casa, a panela está ao lume...
— Nós tentámo-lo..., interrompeu o Gato.
— Ele não resiste..., afirmou o Cão.
— Mete o pé..., raciocinou o Bol.
— Mete a mão..., juntou o Burro.
— E era uma vez o João Ratão! concluiu a Centopeia.
Olharam uns para outros cheinhos de alegria e como eram mais ou menos poetas — que não ha bicho-carêta portuguez que o não seja — improvisaram logo ali esta cantiga, que cantaram em côro e a meia voz:

Domingo á missa
Ambinhos vão;
Feijões ao lume
No caldeirão,
Viu-se a Carochinha
Sem leque na mão:
Carochinha sem leque!
Que não dirão?
Vai-me por ele
Meu João Ratão.

Chega ele a casa,
Vai ao caldeirão,
Meteu um pé,
Meleu a mão,
Caiu lá dentro
O João Ratão.
Acabou a missa;
Carochinha então
Veiu sem leque



E Eduardo Schwalbach, mestre de comediografos e escritor distinto, quem nos dá hoje o seu inédito, *Cosido e assado no caldeirão* é um dos mais curiosos capitulos da sua *A Historia da Carochinha* a que está reservada um verdadeiro triunfo. Brevemente editado pela «Portugal-Brazil», Eduardo Schwalbach publicará esse livro de que o leitor tem hoje uma brilhante amostra.

Nem João Ratão,
Procura em casa
Vai ao caldeirão...

«Ai meu marido,
Meu João Ratão,
Cosido e assado
No caldeirão!»

Uma gargalhada, prontamente reprimida, de todos os seis fechou o improvisado romance.

— Silencio! preveniu o Cão, que ficara de atalaia. Ai vem ele!

Efectivamente João Ratão aparecia ao longe. A Centopeia recolheu-se e os outros trataram de se esconder, metendo por uma viela proxima.

Abria a Centopeia a janela, quando o João Ratão chegava ao alto da rua.

— Onde vai com tanta pressa? perguntou-lhe a traidora.

— Minha mulher esqueceu-se do leque, venho ver se lho encontro, respondeu o desprevenido Rato.

— Ah! Eu vou ajudá-lo a procurar, ofereceu-se, obsequiadora, a Centopeia.

Quando ela saia de casa, já o Gato, que deixára o esconderijo, notava ao seu rival:

— Por aqui sem a Carochinha?!

— Está na missa. Esqueceu-lhe o leque, não se lembra de o ter levado e venho procurá-lo; repetiu o João Ratão.

— Se me dá licença, ajudá-lo-hei...

E os tres entraram na casa, onde ia desenrolar-se o triste epilogo dum tão curto noivado. Cá fóra os outros patifes reuniam-se á esquina e casquinavam risadinhas.

— Está aqui está pronto! profetizou o Cão.

— E a Carochinha, vendo-se viuva, casará com um de nós! comentou o Bol.

— Mas juremos desde já não fazer guerra ao preferido! impoz o Burro.

— Juramos! confirmaram todos.

Um momento de suspensão precedeu as palavras do Carneiro ás marradas no ar:

— Muito gostava de assistir!...

— Se pudéssemos afocinhar lá dentro... grunhiu o Porco.

— Vamos de roda, talvez pelo lado do quintal, alvito o Cão.

— Vamos lá! concordaram os mais.

E foram de volta, mas sem resultado.

Den'ro de casa, João Ratão, tendo procurado baldadamente o leque por todos os cantos, arrepelava-se:

— Mas onde o poria ele?

A Centopeia, entrando no quarto de cama, a fingir que rebuscava, piscou o olho ao Gato, que fungou, deliciado, e deixou cair a tentação:

— Que bem que cheira a panela!

O João Ratão, que já déra por isso, fixou os olhos na chaminé e confirmou:

— E' verdade!

— Que belo caldinho já ali deve estar! continuou o malvado.

Deve! Deve! exclamou o pobre roedor, já meio atraído.

Nada! declarou a Centopeia, voltando do quarto. E como tomada de agradável supreza: — Mas que cheirinho tão apetitoso! O caldinho com certeza está mais do que apurado.

Está! Está! repetiu o João Ratão, cada vez mais preso á chaminé. Mas o leque? o leque?

— Talvez não se visse bem na sala, observou o Gato, dirigindo-se para lá.

— Na gaveta do *toilette* é que me palpita. Vou tirar coisa por coisa; disse a Centopeia, afastando-se também.

Só na cosinha, o João Ratão dominava-se a custo. Deu uns passos, abeirou-se da fornalha e sorveu com delicia o cheiro do caldo.

— Toicinho!... Presuntinho!... não posso resistir mais? confessou a si proprio completamente vencido.

Levantou a tampa do caldeirão, mas uma bafurada de fumo obrigou-o a recuar. Adiantou-se de novo, meteu a mão e retirou-a! Estava tonto. O aroma dos temperos embriagara-o. Perdeu toda a noção de prudencia, varreram-se-lhe da memoria o leque, a missa e a propria Caróchinha. Meteu uma das mãos, meteu a outra, depois a cabeça e quando se inclinava para apreender com os dentinhos um naco de presunto, que nadava ao de cima, caiu dentro do caldeirão, soltando um grito lancinante.

Lá caiu! sibilaram um para o outro a Centopeia e o Gato, que estavam á espreita.

— Prontinho! respondeu a Centopeia.

— Liquidou! registou o Gato.

— Vou já dar a «boa nova» aos nossos amigos! acrescentou este, esgueirando-se pela escada.

E eu vou para casa como se nada soubesse, disse aquela. Depois, contemplando o caldeirão—urna funerária da sua vítima—Idiota! Se me tens preferido, em lugar de correres ao choro dos cinco réis, não estavas agora aí a referver! E toca a safar, que dum momento para outro pode vir a Caróchinha... Quem a ha de aturar? Mas é bem feito! Teilrona! Delambida!

E foi meter-se em casa.

Os outros da conjura abraçavam o Gato e felicita-vam-no:

Bravo! Bravo!

— Ora! não resistiu. Meteu um pé, meteu a mão..., chasqueava o vil cúmplice da Centopeia.

— E era uma vez o João Ratão! remataram os colegas.

— Lá vem a Caróchinha toda apressada! avisou o Boi. Sumiram-se todos.

— Em que ansiedade trago o meu coração! Não sei

que ele me diz!... tartamudeou a Caróchinha, parando á sua porta quasi sem poder falar. Tan'o tempo para vir buscar o leque... Oxalá me engane nos meus presentimentos!

E subiu a escada de galgão.

Vendo-a entrar, a Centopeia descerrou um pouco a janela; os outros assassinos reapareceram.

— Agora é que é o golpe! soprou o Gato.

— Eu já estou arrependido! murmurou o Boi, dando um geitinho de comoção aos chifres.

— Também eu! suspiraram os ou'ros quatro.

— Pois eu não! renhaugou o Gato.

— Não admira: gato e rato. Odio velho não cança! mascou o Burro.

Ficaram todos mais ou menos pensativos, com excepção do Gato, que se lambia. De repente ouviu-se um lamentoso chamamento:

— João Ratão! Meu João Ratão!

— Lá está ela a chamá-lo, coitadita! disse o Boi, de lagrima ao canto dos olhos e afastando-se, taciturno, com os amigos.

A Centopeia voltou para a sua tóca.

— Onde se meteria? Onde? Ai, que eu morro de affição! — gritava a Caróchinha, encostada ao póal do pote, sem se poder ter em pé. De repente a sua vista bateu no caldeirão destapado. Um raio de luz iluminou-lhe o espirito. Teria ele?!...

Chegou-se ao caldeirão, quiz verificar, mas o fumo não a deixou. Com a mão a tremer, pegou na colher, meteu-a lá dentro, revolveu e foi tirando de vagar, muito de vagar, com medo de que lhe trouxesse a morte. Efectivamente, veio-lhe a cabeça do João Ratão, já cosida. Aterrada, largou a colher no caldo, e desatou a correr pela casa, em altos berros:

— Quem me acóde? Quem me acode?

Ai meu marido,
Meu João Ratão,
Cosido e assado
No caldeirão!

O seu querido companheiro a ferver e a referver, talvez até encruado por ela lá ter metido a colher! Voltou á chaminé, tirou o caldeirão do lume e, abrindo a janela de par em par, gritou novamente:

— Acudam-me! Acudam-me, que morreu o João Ratão!

Simulando a maior ignorancia do que se passava, os seis rejeitados conversavam de novo á esquiua.

— Que diz a Caróchinha? Morreu o João Ratão?! interrogou o Gato, com a maior hipocrisia.

— Cosido e assado no caldeirão! gritou a infeliz viuvinha.

— Ai que grande desgraça! Eu já aí vou! Eu já aí vou! lacrimejava a Centopeia, fingindo-se despertada pelos gritos.

— E nós também! acrescentaram os falsos amigos.

O Mosquito, que ficára a conversar á saída dia missa e agora voltava ao jornal, dando pelo alvoroço, inquiriu:

— Ha alguma novidade?

— Morreu o João Ratão! comunicou-lhe o Porco com ar compungido.

— Caiu no caldeirão! explicou o Carneiro cabibisbaixo. E pormenoriso o occorrido.

— Que noticiarrôna! foi o que primeiro acudiu ao «reporter». Mas tomou um ar conveniente e emendou: — Que desgraça! Que grande desgraça!

Afastando-se em passo grave, assim que se viu fóra das vistas alheias seguiu dum vôo para o «Zumbido».

— Ai, minha querida amiga, foi só o tempo de enfiar este trapinho preto! dizia a Centopeia, abraçada á Caróchinha. E enxugando-lhe as lagrimas, lá proferindo



Eduardo Schwalbach
De uma caricatura inédita de Rafael Bordalo Pinheiro



as palavras sacramentais: — Então! Então! Socegue! Que lhe ha de fazer? Não tem remedio senão resignar-se.

— Não ha resignação possível! respondia, soluçante, a desconsolada viuva.

Um a um, os cúmplices da Centopeia apresentaram a expressão sincera do seu mais profundo pesar.

— Eu sinto muito! tremelicou o Gato.

— Se fôr prestavel para alguma coisa...; ofereceu-se o Porco.

— Conformer-se é o que lhe resta; aconselhou o Boi.

— Os nossos sentimentos! gaguejaram os outros tres.

— Muito obrigada, meus amigos!

Muito obrigada! repetia entre gemidos a pobre Caróchinha.

— Então, minha filha?... Então?... continuava no seu papel consolador a Centopeia. Olhe que tanto chorar faz-lhe mal. E ha de estar fraca com certeza. Vamos tomar um caldinho, sim? Vou-lho buscar a minha casa.

— Oh! Não me fale em caldos! gritou a Caróchinha, desviando a vista de sobre o caldeirão.

Do limiar da porta, perguntou com voz abafada a Abelha, acompanhada da Osga e da Formiga:

— Dá-nos licença?

E foram entrando as tres nos bicos dos pés, aconchegando os chalitos pretos ao seio.

— Ah! minhas amigas! desatou em nova convulsão de choro a desoladita, atirando-se-lhes para os braços.

— Só agora soubemos!... desculpou-se a Formiga.

— Disse-nos o Mosquito, que está a escrever um artigo muito bonito a respeito do João Ratão, adicionou a Osga.

— Que grande desgraça! arrancou de novo a Caróchinha, tornando a abraçá-las.

— Correio! anunciou uma voz na escada.

A Centopeia foi á porta e voltou daí a nada com um masso de sobrescritos tarjados de preto, donde foi tirando cartões:

— Bilhetes de pesames, meu amorzinho! Não tardaram a Aranha e a Varejeira.

— Ai, minha querida amiga! choramingaram as duas, abraçando e beijando a Caróchinha, que emfim desabafou:

— A unica consolação que tenho é vêr em volta de mim tantas amigas.

— Não ha duvida, afirmaram todas.

A seguir, chegou o Mosquito, todo de preto, trazendo enfiada no braço uma grande corôa de violetas com largas fitas franjadas de ouro. Fez os cumprimentos do estilo e terminou solenemente:

— O artigo já está a compôr-se. Esta corôa é uma homenagem do «Zumbido», humilde, mas sincera.

E a Caróchinha, abraçando-o, comovidissima, agradecia:

— Muito obrigada! Ele era muito seu amigo!

Num impulso avançou para a chaminé:

— Meu João Ratão! Meu adorado João Ratão!

Embargaram-lhe os passos e afastaram-na.

— E' melhor sairmos daqui, lembrou a Centopeia. O caldeirão ainda lhe faz pior.

Amparando-a, dispunham-se a levá-la para a salinha. Ela, porém, conseguindo desprender-se dos braços das amigas, rogou:

— Vão andando, que eu já lá vou ter.

— Não! Não! tentaram opôr-se.

Insistiu:

— Apenas um minuto. Façam-me esta vontade. Peço-lhes.

Accederam. Saíram e deixaram-na só.

Assim que se viu entregue livremente á sua dôr, a Caróchinha ajoelhou e mais uma vez soltou o seu lamento:

Ai meu marido,
Meu João Ratão,
Cosido e assado
No caldeirão!

Nisto, uma tripeça, que estava na cosinha, começou a dançar. E ela com pasmo:

Que faz a tripeça?
Que faz? A dançar?!

mas reflectindo:

A forma é só essa
De rir ou chorar!

A porta entrou a abrir-se e a fechar-se. E ela continuou:

E a porta em seus gonzos
Tambem já começa
A abrir e a fechar!

Estalou a trave no teto, a quebrar-se. E ela prosseguiu:

A trave, coitada,
Que o teto sustenta!
Assim se lamenta:
Está-se a quebrar!

Um gemido dum pinheiro, ao fundo da rua, fê-la acercar-se da janela e dizer:

Além o pinheiro
Está-se a arrancar!

Depois, reparando que dois passarinhos pousavam no pinheiro e arrancavam os olhos, lamentou:

E dois passarinhos,
Em triste piar,
Estão a cegar
Seus lindos olhinhos!

A fonte do jardim começou a secar. E ela:

Na fonte, que corre,
A agua já morre!

Por ultimo, vendo chegar os infantinhos, que logo quebraram os seus pucarinhos, murmurou com ternura:

E os infantinhos
Seus pucarinhos
Vão nela quebrar!

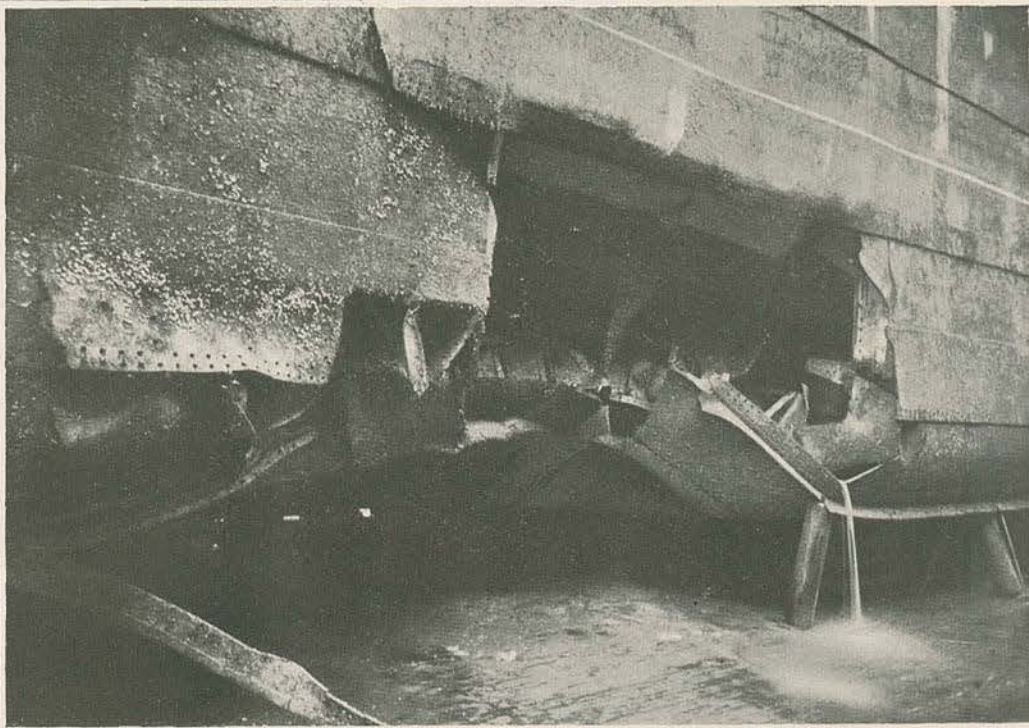
Voltou-se para dentro e, atônita, deparou-se-lhe a chaminé convertida na mais linda gruta com uma grande concha de nácar emperlado, donde surgiu o Amor. O pequenino deus adiantou-se para ela a travez do espaço, beijou-a na testa e, como o brilhar dum relampago, desapareceu rapidamente a Caróchinha. O Amor bateu as azas e volatilizou-se. A chaminé voltou ao seu primitivo estado, mas inteiramente vastia.

Assustados com a demora, quantos estavam em casa da Caróchinha abriram a porta da sala e saíram, julgando que a encontrariam desmaiada. Mas nem Caróchinha nem caldeirão! Procuraram por toda a parte e nada!

Ao cabo de longas e inúteis investigações, attribuiu-se o caso a bruxedo. E ainda hoje se diz no bairro da Bicharia Miuda que, alta noite, aparecem lá duas almas penadas: o João Ratão e a Caróchinha.

A pensar no caso, o Burro morreu.





O rombo causado no «India» pelo torpedeamento

O QUE PORTUGAL PERDEU NO MAR

Durante a Guerra Europeia
por NUNES RIBEIRO

Os navios apresados aos alemães. Os que perdemos durante a guerra. Quantos torpedeados, encalhados, e abalroados. Capitães heroicos. O India e o Machico. 87.673 toneladas para os peixes. O que dos navios ex-alemães nos resta.

NÃO era grande nem em quantidade nem tonelage a frota mercante nacional que a apreensão dos navios alemães, motivada, pelo estado de guerra, elevou de uma forma para nós verdadeiramente notável. E' que os navios alemães apreendidos foram ao todo 72, parte tomada nos portos do continente, parte nos das nossas colonias. Esses setenta e dois navios compreendiam vapores de passageiros e vapores de carga e tinham como total de tonelage 243.002 toneladas e de capacidade de carga 416.940^m³. E' como se vê um importante lote de navios, capazes de

constituirem uma grande fonte de riqueza. Parte d'esses navios foram cedidos ao governo inglez para em quanto durasse a guerra. A outra parte tem estado a cargo de Portugal, tendo levado a nossa bandeira atravez de todos os perigos e da guerra traiçoeira de um inimigo que no decorrer d'ela bastas vezes mostrou não conhecer a lealdade e ter esquecido o gentilhomescos gesto que tornava em epocas heroicas a guerra nobre e grande.

Ora Portugal durante a guerra perdeu muitos dos seus navios e alguns dos seus bravos marinheiros viram pela ultima vez a sombra da patria quando com eles levaram para o abismo que os sepultava a bandeira bicolor da Republica. Perdeu alguns dos seus pesqueiros, perdeu inoffensivos barcos de vela, perdeu tranquilos vaporsitos de cabotagem. Mas odisseia maritima, a verdadeira e a grande, essa é a que se refere á que os navios ex-alemães passaram. Ás in-

clemencias do tempo e ás inclemencias da guerra respondeu sempre calmo e certo o coração do marinheiro português, com o desprendimento ao perigo e o cumprimento altivo do seu dever. Não se julgue que foram



Peça de maquinismo do «India» partidas e tornadas inaproveitadas pela explosão do torpedo.

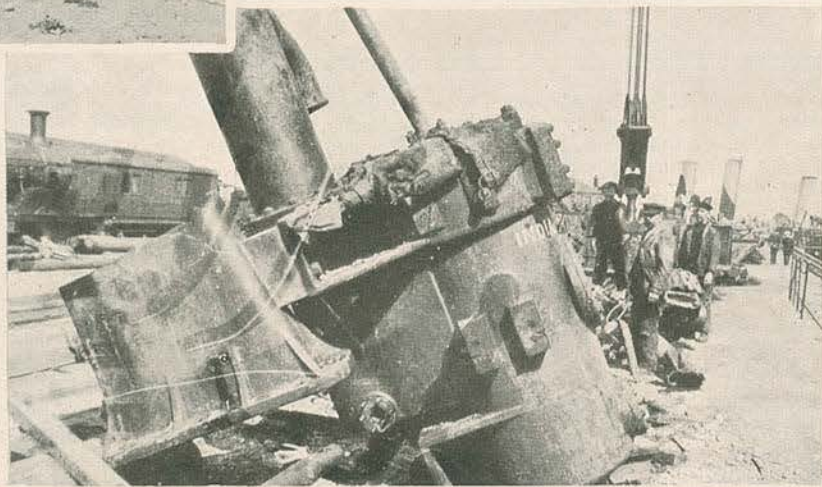
sentavam 69.076 toneladas e aqueles 18.597

Incalculáveis foram os serviços que os navios ex-alemães prestaram aos países aliados. Eles arrostaram todos os perigos e correram todos os mares, com gente portuguesa. Quasi todos foram atacados. Uns foram vítimas da arma perfida, outros conseguiram salvar-se, evitando o ataque ou evadindo-se audaciosamente a ele. Foi o capitão do *Machico*, Artur d'Oliveira da Velha, ao serviço do governo francez quem bateu o *record* do perigo. O seu navio foi o mais atacado pelos submarinos, especialmente no Mediterraneo, então infestado de piratas, conseguindo sempre o bravo marinheiro com pericia notavel evitar o ataque pelo torpedo. Foi realmente notavel o serviço d'este bravo e habil capitão, gloria e honra de nós todos.

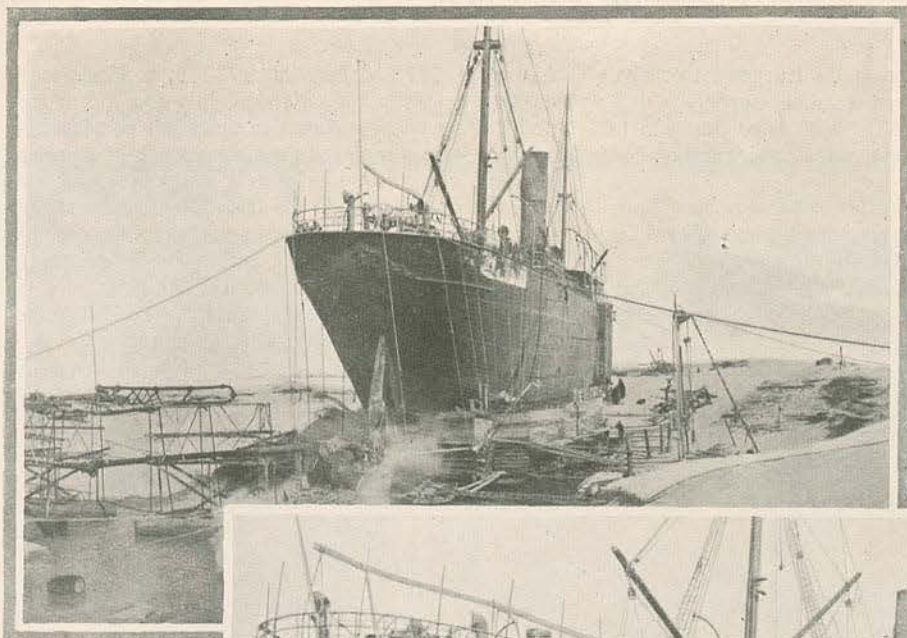


O suporte dos cilindros. Enorme peça que a explosão estilhaçou.

tres ou quatro navios que se perderam. Não. Foram 30 navios dos quaes nove estavam a cargo do governo português e vinte e um dos que tinham sido cedidos á casa Furness Withy & C.^o L.^{td}. Estes repre-

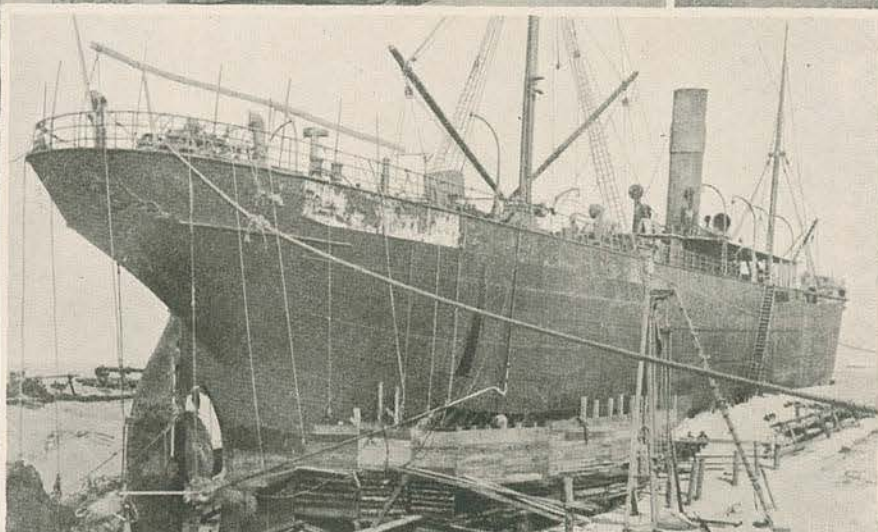


Bomba de ar. Estado a que ficou reduzida. Todos estes maquinismos são do torpedeamento do «India».



O «Desertas» encalhado na Costa Nova (Aveiro) e sobre o qual um submarino alemão fez alguns tiros.

O capitão do *Índia*, Antonio Lopes Ferreira, foi também



um valente, habil e energético marinheiro que conseguiu salvar o seu navio a despeito dos estragos enormes que o torpedeamento lhe causou. As gravuras que acompanham este artigo dão uma pálida idéia do que fosse essa tra-



O canal que da ria de Aveiro á costa abriu a engenharia portugueza para pôr o «Desertas» novamente a fluctuar.

gedia. Peças de ferro de meia tonelada de peso quebradas como se fossem frageis, quebradiços brinquedos.

Assim dos navios que nós perdemos temos logo em 1916 perdido o *S. Avicoua* de 2679 toneladas que foi torpedeado. Estava ao serviço de Portugal. Também foram torpedeados o *Cascaes* de 835 e

o *Leça* de 1911, ao serviço da Furness. Por abalroamento também n'esse ano se perderam dois: o *Ilha de Fogo*, de 4314 e o *Mira* de 1663 toneladas, ambos também ao serviço da Furness.

Em 1917 dos a cargo dos Transportes Marítimos perdemos o *Barreiro* de 1738, o *Bôa Vista* de 3666, o *Foz do Douro* de 1677, o *Ovar* de 1650 e o *Trafaria* de 1744. Dos cedidos á Furness foram para o fundo nesse ano, por torpedeamento o *Berlenga* de 3548, o *Caminha* de 2763, o *Diu* de 5556, o *Espinho* de 740, o *Sa-*

Horta de 3472, o *Leixões* de 3245, o *Madeira* de 4792, e o *Ponta Delgada* de 3381, que foram torpedeados e o *Porto Santo* de 2801 que se afundou.

Por este simples enunciado se vê quanto em perigos, cuidados e esforço a nossa marinha passou. Não se diz ainda do trabalho de reparações que foi insano, nem do que passaram barcos que apalados duramente pelo inimigo não chegaram a ir ao fundo. Pelo inimigo e por desastres, de que ele era causa primordial. Esse *India* que reduzido a um montão de destroços consegue salvar-se e outros cujas viagens são tragedias a que



Como ficou a proa do vapor «Viana» depois do abalroamento que sofreu em Brest.

res de 2986 e o *Tungue* de 8021, por explosão o *Alemejo* de 4312 toneladas, por encalhe o *Belém* de 1925 e o *Setubal* de 1312 e por abalroamento o *Cavado* de 943 toneladas. Foi o ano em que a campanha submarina se intensificou, fértil por isso em desastres como se vê.

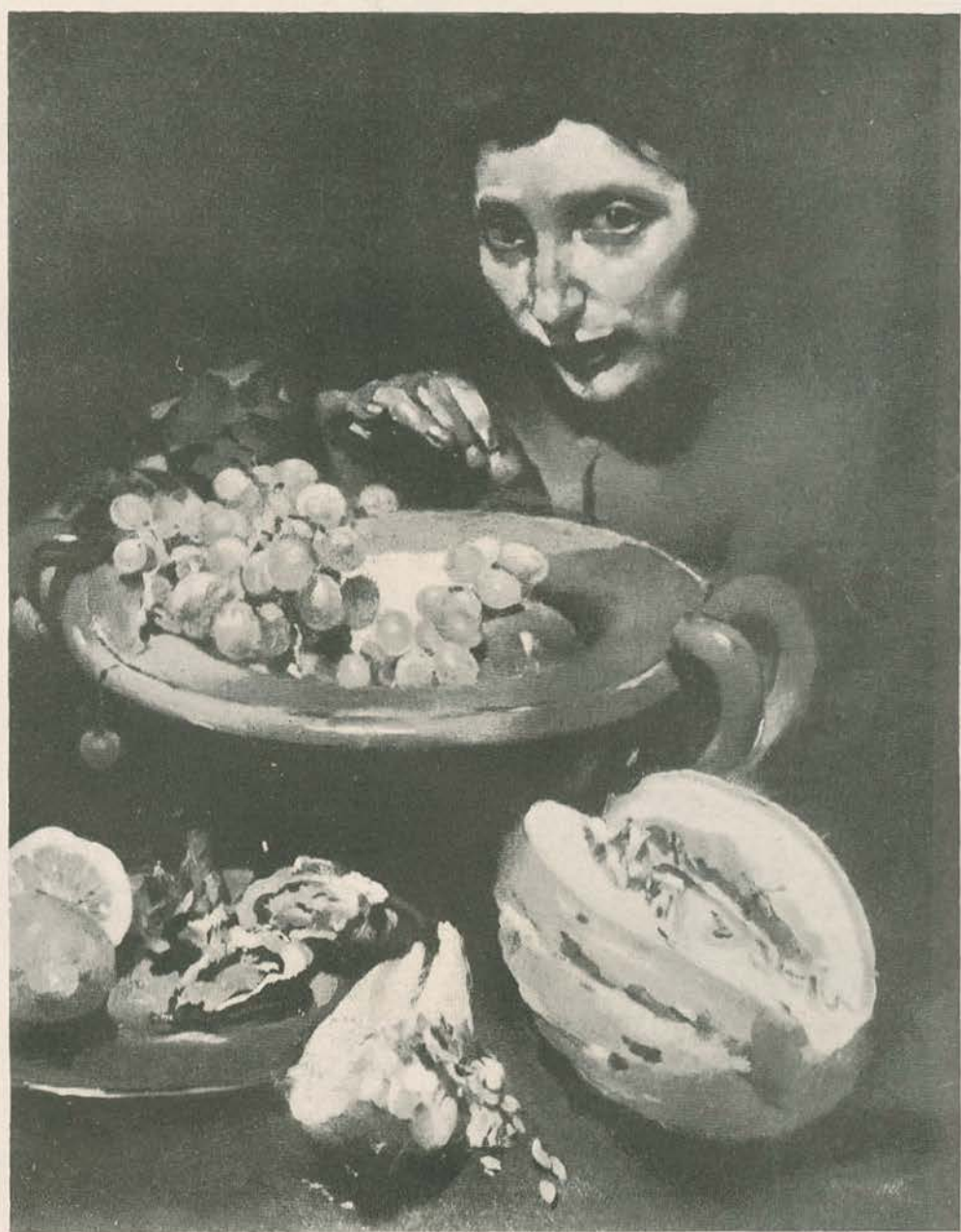
Em 1918 dos nossos foram ao fundo dois por torpedo: o *Brava* de 3184 e o *Graciosa* de 2276 e um por explosão o *Santa Maria* de 2663 toneladas. Dos a cargo da Inglaterra ha que abater ao efectivo o *Aveiro* de 2209, *Damão* de 5668, o

só faltou um novo cronista. Podia reviver-se a *Historica Tragico-Maritima* no nosso tempo.

Assim tendo nós tomado ao inimigo 243:002 toneladas de navios, só possuímos hoje d'essa tonelagem 156:329.

O maior prejuizo foi o torpedo que nol-o causou, pois dos 30 navios que perdemos, 22 foram metidos ao fundo por essa arma de guerra.

Quer isto dizer que a quasi totalidade do prejuizo que tivemos foi quasi exclusivamente devido á guerra submarina.



«FRUCTAS DE OUTOMNO»

Columbano o intenso e original mestre da pintura portuguesa inaugura hoje a nossa página artística com um dos seus quadros de pujantíssimos efeitos de claro escuro.

S. Martinho
do Porto



A praia de S. Martinho do Porto é a praia das crianças. O mar quebra os seus impétos na rocha que o defende, sendo depois como que um manso lago.



Ao sair da rêde.—Abarracamento-residencia na praia do sr. dr. Cunha e Costa. Na barraca do centro vê-se a mesa de jantar.—Vista das enseadas ligadas uma à outra por uma pequena abertura.—Um aspêto da praia á hora do banho.—Um aspêto da vila. (Focado da capelinha de St.º Antonio, entre o Facho e o Farol).—(«Clichés» da sr.ª D. Maria Tereza Everard Martins).

Ancora



É outra das nossas interessantes praias. Os «clichés» que publicamos dão-nos alguns aspêtos da sua vida habitual.



Um aspêto da praia.—A' hora do banho.—Preparando-se para o banho.—Na praia.—(«Clichés» do sr. Antonio Teixeira, da Regoa).



Aspétos da Ria d'Aveiro—Apanha do Molicho—(«Clichés» do sr. Manuel d'Abreu).

D'AR atraente, feições insinuantes, estatura alta, desempenada, o lhar

TERRA LINDA
OS PESCADORES

De Renato
de Melo Franco

* * *
O seu tipo, de inalterável distinção, é originário (afirmam autorizados investigadores)

quasi meigo, um tanto melancólico, andar pausado, voz serena e forte, de tonalidade musical, que surpreende, tez aspera e queimada pela incisão solar e pelas ardentes marítimas, eis o pescador de Aveiro.

Quem d'ele se abeira, recebe uma impressão amigável, que mais se radica á medida que o dialogo se activa. O animo franco, que do seu todo se irradia, envolve-nos suavemente até nos despertar uma crescente simpatia. Por vezes ingenuo, quasi infantil, acaricia pensamentos, que nos fazem sorrir. Não é que entre eles não haja tambem um ou outro de maliciosa perspicacia, reservado e ladino, principalmente, quando se trata da deíza encarnçada do seu interesse individual. Mas, qualquer d'estes constitue uma infima minoria, uma quasi estranha excção. E ainda bem.

Em geral, o pescador de Aveiro manifesta-se por uma bondade ingênita e sã. Dedicado por indole, não olha para uma desgraça que não se confranja, não surpreende uma angustia, que não procure suavisar e mesmo extinguir, se tanto puder o seu esforço.

Alma lavada, rompe em impétos de linguagem afirmativa, que vai até á arrogancia, se o contradizem. N'um momento, porém, essa troante e subita loquacidade, que lhe sacode rudemente os nervos, esmorece, decai, desfaz-se... semelhante á vaga alterosa que, arripiada por adusta rajada, esbraveja, espuma, e logo vai tombar na praia, soluçando n'um murmúrio...

Genio de creança em corpo d'hercules, ternura de mulher em arcabouço de gigante, expressão de santo em fisionomia aspera, abnegação, sacrificio de martir em espirito resoluto!

d'essa remotissima raça pelasgica, que nos tempos prehistoricos ocupou a Grecia, o Arquipelago, o litoral da Asia Menor e a Italia, e, não chegando a constituir um corpo de nação, foi mais tarde reduzida á escuridão pelos helenos, sem lhe valer as ciclicas muralhas que á sua volta elevou, construidas de enormes blocos de pedra, que julgava invulneraveis, não obstante não haver empregado n'elas o cimento. Muitos, que conseguiram subtrair-se ao jugo dos vencedores, demandaram novas regiões e, ainda por espirito de aventura, arrostaram os embates do mar Mediterraneo (*Mare Magnum*) e transpuzeram as famosas colunas d'Hercules, (Estreito de Gibraltar), costeando o litoral luzitano para norte. Captivados pelos estranhos aspétos, que lhes surgiram, em aparição de magica, á sua vista deslumbrada e lhes reproduziam com flagrante realidade a pátria longinqua e saudosa, por aqui se estabeleceram e crearam familia, que mais tarde se condensou em colonia..

E', portanto, d'estes que promana o aveirense e tambem o ilhavense, o aguedense e o ovarense. Tambem em Viana do Castel. e na Corunha (Espanha) se accentua o mesmo tipo, que se caracteriza por uma admirável harmonia de proporções, porte esbelto, linhas elegantes e fisionomia atraente.

E caso singular, inexplicavel até agora! Estando o mortuense (a quem em Lisboa se dá o nome generico, mas errado, de *varino*) encravado entre Aveiro e Ovar, o seu tipo afasta-se consideravelmente dos outros povos visinhos, não só na sua plastica, como na sua linguagem de tom rude e no seu caracter bravo, ferozmente desconfiado) e ganancioso. E' certo, porém, que em



Ria d'Aveiro—Enquanto o vento não refresca (Barcos moliceiros).

nossos dias, por consecutivos cruzamentos, já se tem quasi desvanecido no mortuense o seu aspecto primitivo. Enquanto o aveirense e o ilhavense, sobretudo, se definiam por uma esplendida propriedade estética, o mortuense ou *mortuenseiro*, como geralmente é denominado, não se subtraia á sua provicta for-



Emquanto se cosinha a caldeirada.—(«Cliché» do sr. Manuel d'Abreu).



Antonio da Benta, arrolado pescador, que ha 42 anos salvou toda a tripulação d'um barco de pesca na Costa Nova, composta de 35 homens. Conta actualmente 82 anos. («Cliché» do sr. Alberto Rafael).

ali veio estatelar-se n'umas areólas moveiças e ingratas, que, na verdade, a sua tenacidade e raras qualidades de trabalho, tem vindo transformando em terras aráveis, de extraordinaria fertilidade.

Sobresaindo o pescador de Aveiro entre os demais do paiz pela sua attitude varonil, graça de formas e perfeição fisionomica, é para considerar que n'ele actua, decerto, uma origem singular. O seu espirito é elevado, rasgadamente liberal, a sua alma amorosa e a sua indole d'uma terna bondade. A rudeza das suas maneiras, quando no labor da faina, amacia-se e quasi se desvaneca ao contacto d'um afago de mulher ou sorriso de criança.

Á beira-mar, sobretudo, desentranha-se em prodigios de carinho. Chega a pasmar como n'aquela arcabouço se abrigue sentimentalidade tão generosa! Desinteressado, solícito, sincero, de extrema urbanidade, privase mesmo do necessario para que o seu prestimo se valorise. E sempre jovial, afavel, cortez, não ha canceira que o quebrante, nem desfalecimento que o faça baquear.

Depois, chegado a casa, apoz a trabalhadeira de todo um dia, o seu regalo é vêr-se junto da companheira, chegando mesmo a substitui-la nos arranjos da casa e nos

ma atarracada, feições grosseiras, mal esboçadas, tez alacreada e sardenta, cabelo curto, anelado e ruivo. A sua voz é d'uma aspereza, que fere. Nem suavidade, nem graça. Não se assinala pelo esmero da frase, e as palavras rompem-lhe dos labios grossos como pedradas contundentes.

No fundo do seu character adormece um sentimento de voraz cubiça, que á minima contrariedade acorda em impétos de busca crueldade. Plantado entre os seus visinhos é, por assim dizer, um enxerto exótico n'uma arvore louçã. Faz, por isso, supôr o mortuense oriundo d'uma raça barbara, talvez d'algum ramo saxonico, que ainda se ignora como para

mam. Geralmente indolente, não o seduzem as grandezas alheias. O ilhavense é navegador. O ovairense é comerciante e nómada, assim como o mortuense. O aveirense contenta-se com o que frue dia a dia, resignado e pacifico, contente e parco.

Em momentos de largo vagar, que lhe consente a ousadia do oceano e a persistencia do temporal, não foge á tentação da taberna. E' o seu *club*, o seu principal centro de palestra, que, ordinariamente, só procura pela noite, pois que durante o dia o amanho da bateira ou o concerto das rêdes o solicita e prende. N'essas permanencias forçadas é a consorte quem, o mais das vezes, supre as inadiáveis precisões caseiras. Não se detem: corre a adquirir pesca importada, que expõe no mercado, ou vai, de canastra á cabeça, pelos arredores apregoal-a em correria atarefada, só regressando pela noitinha, quando na algibeira lhe tilitam as moedas, com que ha de abastecer a casa no dia seguinte.

O marido já lhe tem a refeição preparada, mal ela chega. Cosinhou-a pelas suas proprias mãos. Foi ele que, na sua ausencia, ameigou os filhos, os lavou, os vestiu. E se algum d'eles, mais rabujento, se deu a espolhar-se em berraria impertinente, foi ainda ele que o tomou nos braços e safo a espairrecol-o até ao caes, bem enrolado no seu gabão de burel.

Quem melhor do que o pescador de Aveiro, para condimentar uma *caldeirada*? Ninguem o iguala.

D'um acio até ao escrupulo, a *marmitta* brilha, como um espelho, e o peixe, que dentro lhe lança, respandece, como prata. O perfume, que se evola, embriaga, perturba, desafia o apetite mais renitente. Bem fervido e *escumado*, o caldo corre em malgas, onde pedaços de borôa foram esfarelados á mistura com pão de trigo, estorcegado em nácos. Enquanto a sopa se abebera, uma larga bacia de barro vermelho vidrado ostenta o delicioso acepipe. A *caldeirada* fumega, provoca, regala pelo sabor apurado. Ninguem lhe resiste. Todos se atiram a ela, regando-a de tempos a tempos com sequiosas goládas, sorvidas d'uma *cabaça*. Como remate, esvasiam-se as malgas da sopa.

Experimenta-se um sadio prazer. O sangue reflue á cara, os olhos scintilam, a boca escancarou-se em francas risadas. E' então que o pescador, rejubilante e envaidecido, pega da guitarra, espreme as cordas em harpejos de cristal e derrama no espaço o som plangente da sua voz:

*N'estas paragens risonhas,
Q'o bom Deus abençoou,
A alma é feita de beijos;
Beijos de quem nos gerou.*

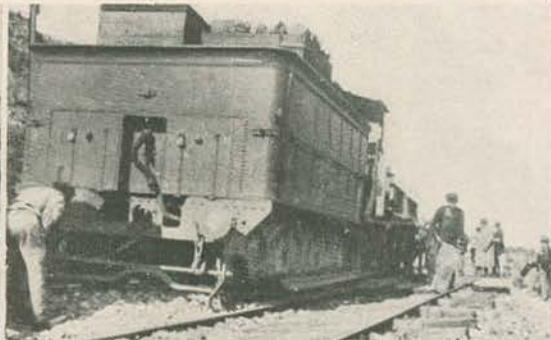
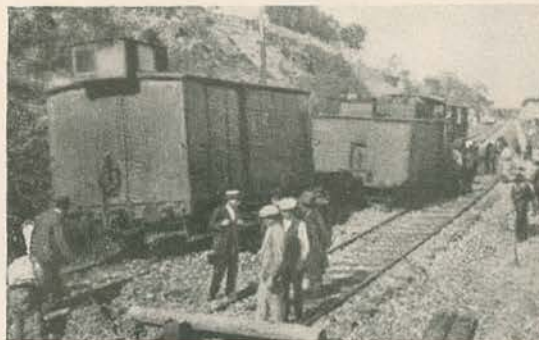


Arraes Gabriel Ançã, valente lobo do mar, que tantas vidas tem salvo, sendo uma das suas maiores proezas o socorro que prestou aos naufragos do vapor francez «Natalis». Conta actualmente 78 anos. (Cópia d'uma antiga gravura)

cuidalos com os filhos, já acalentando-os nos braços, já embalando os no berço, cantando-lhes em voz dolente as dôces canções da sua almapaterna.

Muito agarrado ao torrão natal, é raro deixar-se fascinar pela miragem da emigração. Daí, talvez, o epíteto de *cagaréo*, como o acoi-

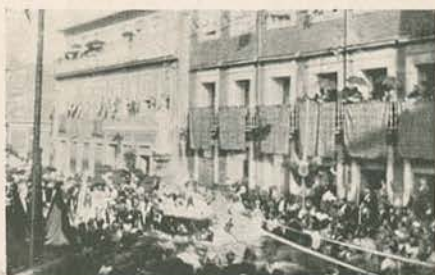
ATUALIDADES



O DESCARRILAMENTO DO COMBOIO DE VENDAS NOVAS

Os primeiros trabalhos

A maquina descarrilada



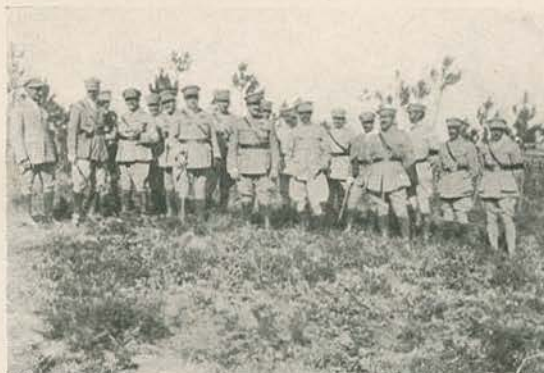
LAMEGO. — O andor da Senhora dos Remedios.

Experiencia de tractores agricolas.

Foi o descarrilamento do comboio de Vendas Novas, um criminoso ato de «sabotagem», o acontecimento mais importante da nossa reportagem fotografica. Condenaveis e execrandos, estes atos, nem têm alcance pratico, nem nobilitam a civilização de um povo. Servem apenas para mostrar que o homem tem ainda alguma coisa de fêra, que o tempo lhe não conseguiu eliminar.



Monsenhor Joaquim da Silva Serrano, antigo prior de Belas e conego da Sé de Lisboa, recentemente falecido em Lisboa.



Os exercicios dos alunos da Escola de Guerra

A posse do novo Presidente
O 5 de Outubro



A caminho do Palacio
de Belem.

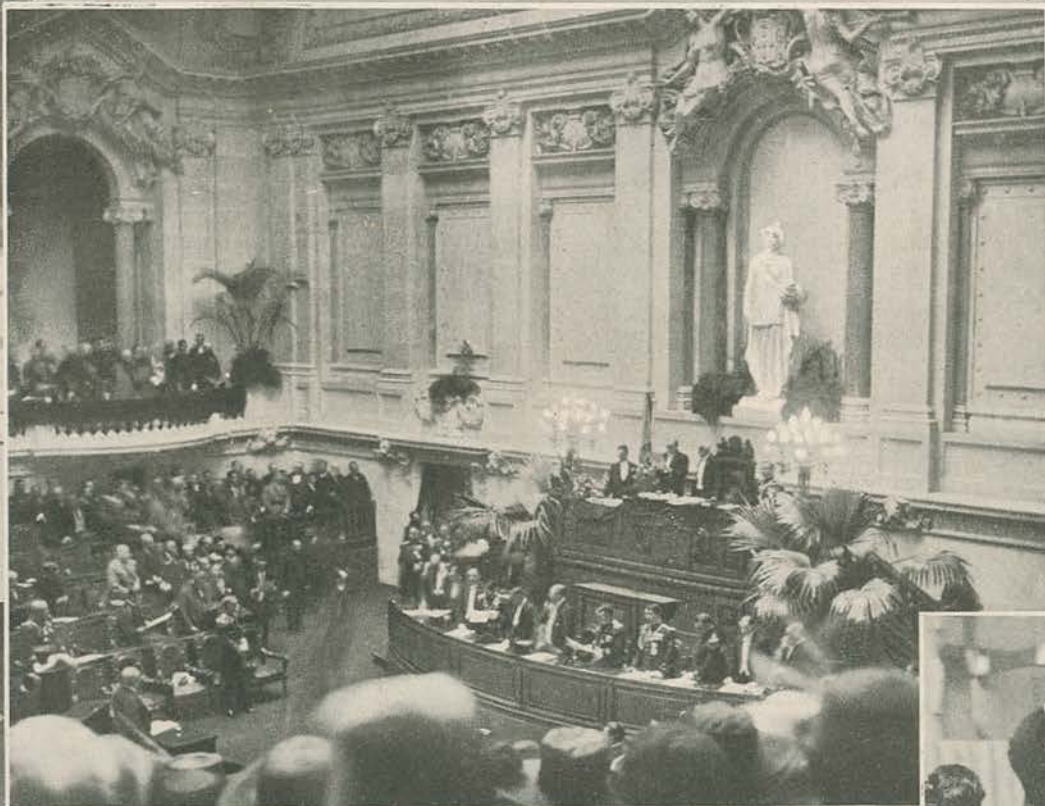
O presidente que
parte. O presidente
que chega.

As nossas fotografias dão o presidente sr. Cant
to e Castro deixando o palacio de Belem onde
exerceu desde Dezembro de 1918 até 5 de Outubro
o cargo mais elevado da Republica. O cocheiro
espera apenas as pessoas que o acompanham para
se pôr em marcha. O presidente está sorrindo,
havendo em todos uma certa comoção.

Os restantes «clichés» mostram o presidente
eleito chegando a Belem e encaminhando-se para
o Palacio. O sr. dr. Antonio José d'Almeida, hoje
investido solenemente na chefia do Estado, sorri
e conversa amenamente.



S. E. o Nuncio
entrando no Pala-
cio do Congresso.



O novo Presidente lendo a sua alocução perante o Congresso. A' esquerda, a tribuna do Corpo Diplomático repleta.

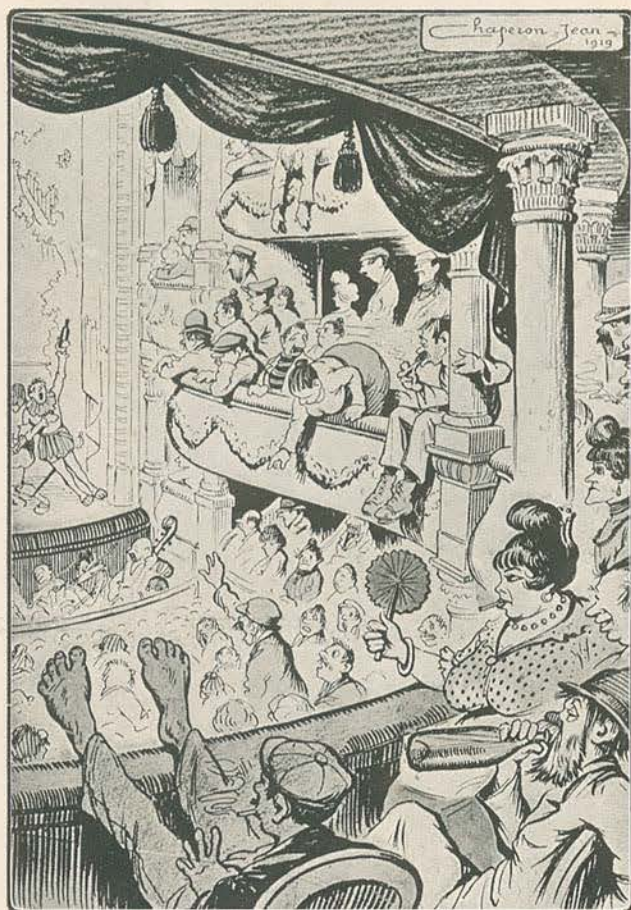
O sr. Dr. Antonio José d'Almeida, agradecendo ao povo, á saída do Congresso.



Foi um ato imponente a posse do novo Presidente, sr. Dr. Antonio José d'Almeida. A sala oferecia o aspecto festivo e solene dos acontecimentos festejados. Com voz forte e bem timbrada S. Ex.^a prestou o juramento e leu a sua alocução, peça patriótica e cheia de afirmações que mostram o seu desejo de cumprir e respeitar a Lei.

SEMANA HUMORISTICA

A CARICATURA NO ESTRANGEIRO



UMA RECITA DE GALA NA «OPERA»
O que seria em França o figurino russo

SEGURAMENTE, apesar das guerras, dos cataclismos e dos desvarios ainda ha quem preste culto ao riso. Ainda ha quem ria, talvez o riso bom de Democrito, talvez o riso fugitante de Juvenal. Seja como fôr, o que é certo é que mais uma vez a voz da antiguidade se afirma pela voz de Platão para dizer que o homem é um animal implume... que ri. Ri e ri com espirito. Ora venha o leitor conosco e olhe essas caricaturas com o enlevo com que olharia bons quadros. E' uma digressão pela Inglaterra, pela França, pela Italia, pela America.

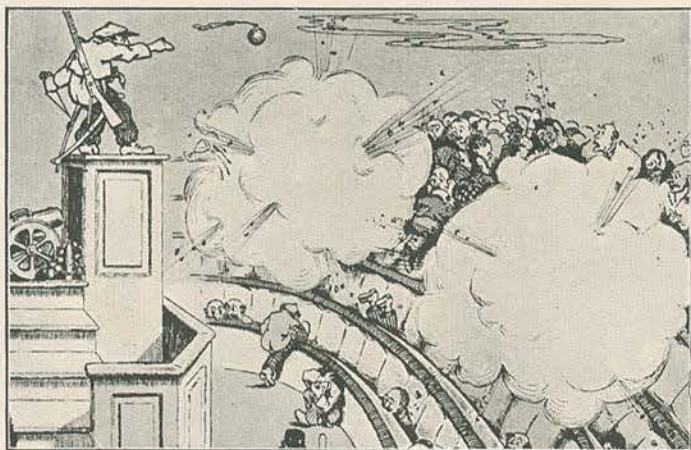
Aqui tem por exemplo o que seria uma «soirée», uma noite de gala na Opera, se os bolchevistas mandassem em França como mandam na Russia. Ora olhe e veja como o quadro está exacto. E' a multidão do galinheiro que ocupa os logares do corpo diplomatico. Onde havia casacas ha maltrapilhos. Onde havia senhoras ha a escoria das mulheres. Pois não é uma critica? Pois não será todo um substancioso artigo de fundo esta caricatura, esta «charge», esta visão da realidade? Mas o bolchevismo é o prato do dia. O bolchevismo é a inversão de valores. Onde estavam os grandes passam a estar os pequenos, onde estava o burguez passa a estar o «meneur» da revolução. Ora veja-se como o lapis ironico do caricaturista visionou uma sessão do parlamento bolchevista. Os argumentos são granadas, os factos são tiros de canhão, as afirmações são séries de tiros de metralhadora. Um ideal de parlamento como veem, para os que não podem passar sem a zaragata, a bernarda, a revolução.

A vida de uma rua de Londres quando o bolchevismo lá chegar já vae sendo adivinhada pelos sacerdotes da graça e da ironia que são os homens da caricatura. Tal qual como na Russia, os varredores passaram a marquezes e os marquezes passaram a varrer as ruas. Um «gentleman» engraixa as botas a um vadio. Outro dá paulatinamente á sua caixa de musica, esperando assim ganhar a vida. Uma loira «miss» vende fruta n'uma carroça de mão. Emfim, na Russia, os generaes passaram a mendigar e os banqueiros a creados de «restaurant». Pois o la-

pis inglez já poz as coisas no são para, quando elas vierem, não haver espantos nem admiracões.

A revista americana «Life» essa não faz caricatura, faz fotografia social. «Os ditadores» são os operarios que veem exigir menos horas de trabalho e maior salario. Se o patrão não chegar a ganhar doze vintens por dia, quotizar-se-hão entre si para prefazer essa importante soma. E os «ditadores» ditam, mas parece que o que eles ditam nem sempre se escreve.

Agora o riso ameno. «A Paz». S. Pedro á luz d'uma estrela, debruçado á janela do infinito, como diria Guerra Junqueiro, contempla o mundo. Mas o mundo que ele vê é um mundo a esboçar-se, um mundo rôto e velho. Chove n'ele como na rua. Quanto á scena da apresentação os senhores estão a vê o sr. X autor de um metodo de triunfar na vida. O homem é a obra.



Um deputado bolchevista, da tribuna expõe os seus argumentos
(De H. Lemeunier)



APRESENTAÇÃO

Permita-me que lhe apresente o sr. Tariempion, autor do excelente livro «A arte de triunfar na vida».

(De «Le Pele-Mele».)

E o pobre autor tem as botas rôtas, o fato rôto, o chapêu rôto e quanto a dinheiro, como pode ele coalhar dinheiro se as algibeiras estão também rôtas. Falta de linhas para as coser? Não. Falta de dinheiro para comprar as linhas. São sempre assim os que inventam métodos para triunfar na vida.

Ha ainda varias caricaturas por esse mundo que são bem curiosas. Por exemplo: Uma caricatura franceza dá a ultima aplicação do gramofone.

E' n'uma estação telefônica. O gramofone responde aos subscritores: «Está impedido. De lá não respondem. Não tem telefone». Entretanto as meninas lêem Paulo de Koch ou contam histórias engraçadas.



A PAZ ??

(Do «Il Secolo XX»)



O BOLCHEVISMO NA INGILATERRA

O que seria o despertar de uma rua de Londres
(De «The Bystander».)

Parece piada? Não é. As meninas de lá são como as meninas de cá. Pois se a profissão é a mesma como não havia de ser o mesmo gramofone? «La Baiounette» preconiza a metralhadora para os caçadores. E mostra como ela dá resultados. Um caçador disparando e indo cortar o rabo ao cão que pincha e salta, dorido de se ver caçado por engano. Quanto a caça... nem com metralhadora.

Como se vê o Mundo ri. Ri bem porque esse riso, encontra eco em nós todos. E pelo riso, já o dizia o outro, não só se moralizza, como também se castiga.



OS DITADORES

(Da «Life».)

Vida Portuguesa



O desastre do Caminho de Ferro do Monte, no Funchal, contristou não só a população da formosa ilha como todos os que tiveram d'ele conhecimento. A caldeira da maquina que explodiu matou o maquinista, o fogueiro, uma camponesa e um dos passageiros, deixando outros horivelmente feridos. Com a violencia da explosão ella, que pesa duas toneladas, foi projectada sobre uma casa que destruiu. Uma das nossas gravuras mostra como ella ficou encravada entre as paredes derruidas.

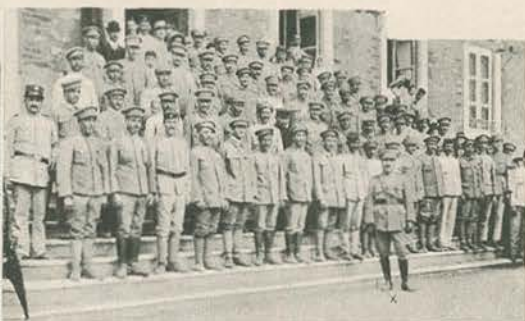


Vendo os destroços: — A caldeira da maquina que foi projectada a 200 metros de distancia. — A maquina danificada, — O correspondente do «Seculo» no Funchal, o ator Jorge Grave e sua esposa, no local do sinistro.

Festa em Caldelas a favor dos mutilados da guerra. A comissão de senhoras encarregadas da kermesse: D. Mecia Monteiro, D. Maria Barreto, D. Maria Franco Lima e D. Maria E. Mesquita. — Grupo vendo-se ao centro o sr dr. Amor de Melo que foi o iniciador



da festa e que ao «Seculo» entregou o seu produto. («Clichés» E. Crespo.) — Perdiz branca morta pelos caçadores de Vila Franca das Navas. — As festas da Paz em Castro Verde. O cavaleiro amador José Guerreiro Semião J.^{mo} que tomou parte nas corridas. —



O edificio dos Paços do Concelho onde foi oferecido o jantar aos soldados expedicionarios. — Grupo, vendo-se á frente, o alferes Martinho Figueira, filho de Castro Verde.

FABRICA de CHOCOLATES AFRICANA



- O MAIS SABOROSO
CHOCOLATE.

Largo do Limoeiro, 10 - T. 3694 - C.
Rua da Alegria, 30 - T. 2208 - C.
LISBOA



DOENÇAS DE PEITO

TOSSE, GRIPPE, LARYNGITE, BRONCHITE,
RESULTAS DE COQUELUCHE E DE SARAMPO

PULMO SERUM BAILLY

Sob a influencia do "PULMO SERUM"

A tosse socega-se immediatamente.

A febre desaparece.

A oppressão e as punçadas nailharga socegam-se.

A respiração torna-se mais facil.

O appetite renasce.

A saude reaparece.

As forças e a energia recobram vida.

EMPREGADO NOS HOSPITAES, APRECIADO PELA MAIORIA
DO CORPO MEDICO FRANCEZ.

EXPERIMENTADO POR MAIS DE 20.000 MEDICOS ESTRANGEIROS.

EM TODAS AS PHARMACIAS E DROGARIAS

MODO DE USAL-O

Uma colher das de chá pela manhã e pela noite,

Laboratorios A. BAILLY

15, rue de Rome, PARIS



O passado, o presente e o futuro

celebre e chiromante
fisionomista da Europa



M. ME BROUILLARD

Diz o passado e o presente e prediz o futuro, com veracidade e rapidez; é incomparavel em vaticínios. Pelo estudo que fez das ciencias, quiromancias, cronologia e fisiologia, e pelas applicações praticas das theorias de Gall, Lavater, Desbarolles, Lambrose, d'Arpenligny, madame Brouillard tem percorrido as principaes cidades da Europa e America, onde foi admirada pelos numerosos clientes da mais alta categoria, a quem predisse a queda do imperio e todos os acontecimentos que se lhe seguiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis.

guiram. Fala portuguez, francez, inglez, alemão, italiano e hespanhol. Dá consultas diarias das 9 da manhã ás 11 da noite em seu gabinete: 43, RUA DO CARMO, 43 (sobre-loja)—Lisboa. Consultas a 1\$000 reis, 2\$500 e 5\$000 réis.

Trabalhos tipograficos em todos os generos

FAZEM-SE NAS OFICINAS DA

"ILUSTRAÇÃO PORTUGUEZA"

Rua do Seculo, 43 — LISBOA

CASAMENTOS

DESEJAM casar-se legalmente uma senhora viuva, brasileira, digna e instruida, de 44 anos, sem filhos, e com fortuna superior a 70 contos, dos quaes a maior parte está em inscrições, e uma menina orfã, de 18 anos de idade actualmente num recolhimento, instruida, elegante, filha de distinta familia, com dote de 38 contos, com homens honestos e que possam provar a sua dignidade, exigindo-se serias informações, embora não possuam grandes melos. Quem se julgue nas condições dirija-se (com sêlo para resposta) a *M. Club of New-York-Porto*. Responde-se a todas as cartas e guarda-se absoluto segredo. Esta casa já tem realizado distintos casamentos em Portugal e outros multos que já estão em relações directas.

Perfumaria Balsemão

141, RUA DOS RETROZEIROS, 141

TELEPHONE Nº 2777-LISBOA-

Menstruação

Com as menstrinas reg.¹

Aparece e sem inconveniente no mais curto espaço de tempo dada a sua origem tónica e reconstituinte seja qual fôr o caso que se empregue. Resultados garantidos.

Caixa com inscrições 2\$00. Lab. e Deposito: V. Ferrão, L. da Saude, 11. — Quintans, R. da Prata, 191. — Azvedos, Rocio, 51. — Netto Natividade, Rocio, 122 — LISBOA.

Loja MODELO

Casa especial de espartilhos e meias. Uma visita ao nosso

estabelecimento devem Vv. Ex.^{as} fazer, a titulo de experiencia. —

ROCIO, 4 e 5 — Telefone 2:566

CASA RUBI

Telefone: Central 3851

Iluminação, higiene e aquecimento.

120—R. DOS RETROZEIROS—122

— LISBOA —

Klidina

XAROPE

DE
IODO E GLICEROFOSFATO
ASSOCIADOS
para tratamento das

CREANÇAS
raquiticas, escrofulosas, linfaticas

Substitue o Oleo de Figados de Bacalhau e o Xarope Iodo Tanico. com a vantagem de ter sabor agradabilissimo.

E a medicação propria dos climas quentes

FORTALECE AS CREANÇAS
ABRE-LHES O APETITE

Todas devem tomar
a

Klidina

PEDIDOS A

DAVITA, L. DA

83. RUA EDUENIO DOS SANTOS
LISBOA

Companhia do PAPEL DO PRADO

Sociedade anónima de responsabilidade limitada

Ações	300.000\$00
Obrigações	288.630\$00
Fundos de reserva e amortização	300.000\$00
Escudos	1.008.630\$00

SEDE EM LISBOA. Proprietaria das fabricas do Prado, Marianaia e Sobreirinho (Tomar), Penedo e Casal de Hermio (Louzã) Vale Maior (Albergaria-a-Velha). Instaladas para uma produção annual de 6 milhões de quilos de papel e dispondo dos maquinismos mais aperfeiçoados para a sua industria. Tem em deposito grande variedade de papeis de escrita, de impressão e de embrulho. Toma e executa prontamente encomendas para fabricações especiaes de qualquer quantidade de papel de maquina continua ou redonda e de forma. Fornece papel aos mais importantes jornais e publicações periodicas do paiz e e fornecedora exclusiva das mais importantes companhias e empresas nacionais. — Escritorios e depositos: LISBOA, 270, rua da Princeza, 276. PORTO, 49, rua de Passos Manoel, 51. — Endereço telegrafico em Lisboa e Porto: Companhia Prado. — N.º telef.: Lisboa, 605, Porto, 117.

SUPLEMENTO
UMORISTICO DE

O SEculo

Propriedade de J. DASILVA GRACA, Lda

Director ACACIO DE PAIVA



Redação, Administração e Oficinas—Rua do Seculo, 45—Lisboa

BOLCHEVISMO IMBERBE



Rocha Vieira

- Poque me pende, sr. policia?
- Porque o menino estava a dizer que devia ser suprimido o exercito...
- O' sr. policial Eu refelia-me aos soldadinhos de chumbo...



PALESTRA AMENA

Conforto

Deliciosamente acomodado em seu leito, com uma temperatura axilar de 39 graus e meio, *J. Neutral* está ditando e redigindo esta palestra, graças a um esforço de vontade que o leitor muito deve louvar, porque é o leitor quem lhe impõe esse sacrificio, aliás gostoso de cumprir.

A tal estado chegou *J. Neutral* por varias circunstancias, entre elas a de se ter visto obrigado, após muitas peripécias de vilegiatura, a acolher-se á benéfica hospedagem d'um albergue da Figueira da Foz que dá pelo nome de *Hotel Lisbonense*: do excelente acolhimento adveiu-lhe, entre outros precalços d' sômenos importancia, a agradabilíssima interite que atualmente o retém na cama, a recordar uns apetitosos *menús* de sardinha, pimenta, sebo e outros ingredientes, com que no referido hotel fizeram jus a uma modestíssima diaria de quatro escudos, incluindo o direito de permanecer n'um aposento terreo, com um espelho quebrado, duas cadeiras mutiladas, uma cama com um enxergão de calhaus e a companhia permanente d'um exercito alado de moscas e melgas e d'outro, aptero, de diversos insectos que não designamos pelos seus nomes vulgares porque somos bem educados.

Recomendando o dito estabelecimento a todas as pessoas que viajem e que desejem obter os oito dias de perna estendida que estamos gosando (oito dias, no dizer d'um abalisado clinico), pomos termo a esta palestra, que não é tão amena como de costume, por motivos obvios e temos muito prazer em afirmar que o *Hotel Lisbonense* da Figueira da Foz é o que se pode chamar um hotel... e péras.

J. Neutral.

Mulheres policia

Depois de varias tentativas, que falharam, lá conseguiram os da terra dos gaiteiros ter uma corporação policial feminina, que sobre a masculina apresenta tantas vantagens que muito desejaríamos a adopção entre nós, de



igual sistema. Essas vantagens saltam á vista de qualquer pessoa, por mais burra que seja, mas nunca é de mais insistir:

1.º — Cessa a relutancia que toda a gente possui em dar-se á prisão. Logo que uma senhora diga: «Siga-me!» qual é o homem que se atreve a resistir ao convite?

2.º — Uma das manias dos ladrões, é, como se sabe, não quererem restituir o objecto roubado. Ora, se um gatuño empalmar um relógio, uma bolsa, etc. e se uma dama policial piscar o olho ao patife, qual é o que não põe logo para ali todos os valores que possui?

3.º — O que mais contribue para que a policia macha se distraia dos serviços que lhes estão cometidos é, evidentemente, a influencia que sobre ela possui o sopeirame da capital. Tal influencia deixa de existir logo que a policia seja fêmea.

Muitas outras razões poderíamos aduzir a favor do nosso tema, mas só mais uma apresentaremos e essa afigura-se-nos sufficiente para fazer calar qualquer objecção: a elegancia do corpo policial feminino, com pausinho e tudo!

Outra vez!

Já se anunciou á boca pequena nova grêve do pessoal ferro-viario, que pôde muito bem não se realizar, mas que pode muito mal realizar-se efectivamente, pelo que é conveniente que o publico se vá preparando.

E' claro que muitas idéas nos ocorrem, as quais, postas em pratica, evitarão que se faça sentir a falta de com-



boios, mas parece-nos inutil expô-las todas, porque uma basta para quem tenha necessidade de viajar ou de se servir do trafico ferro-viario fique inteiramente socegado.

Vem a ser a seguinte: ter sempre á mão um burro preparado para o que der e vier, ou melhor, um comboio de burros, aparelhados para cavalaria e para transporte de mercadorias.

Para que os frequentadores de classes de luxo não se vejam obrigados a confundir-se com o vulgo, o referido comboio pode meter cavalos para a 1.ª classe e quicá camelos para «toilettes»-camas.

Temos ou não boas idéas?

Escrita

A proposito da transformação do Rossio perguntam-nos varios leitores como se deve escrever a palavra, que estavam habituados a ver com *c*, e agora vêm com *ss*, á antiga.

Escrevam como quiserem. Olhem: como se trata de transformar, escrevam *Rucio*, que é muito original.

Não vale ralar

Contam as folhas que um dia d'estes ia um policia n'um carro electrico e no mesmo carro certo assassino, fugido das cadeias e que um passageiro reconheceu, denunciando-o ao dito policia, o qual se limitou a encolher os hombros, de modo que o assassino se escapuliu sem incomodo de maior.

Nada temos que ver com o caso, que está bem dentro das cavalheirescas tradições portuguezas e se a ele aludimos é porque nos lembra outro, tambem policial, que revellamos por.



que a pessoa visada já lá está na terra da verdade e não ha perigo de que o governo a premeie com alguma condecoração.

Trata-se de um comissario de policia da capital d'um distrito do sul e que era a pontualidade em pessoa, qualidade primacial em todo o bom funcionario publico. Um dia, ou antes, uma noite, tendo chegado ao commissariado um telegrama com a nota de urgente, um dos guardas correu a casa do referido cidadão todo esbaforido:

— Sr. commissario! sr. commissario!
— Que é, homem?
— Está aqui um telegrama urgente para v. ex.ª.

O nosso homem, indignado:

— O' sua besta! Quantas vezes quem quem lhes repita que só abro a correspondencia ás onze horas da manhã? Tem o merito de não ser mentira.

Torre de chifre

A enfermeira

*Quando os soldados se feriam
As enfermeiras sorriam
E curavam os desgraçados,
Não só os generaes
Como os outros officiaes
Como até os soldados.*

*Punham algodão hydrofilo
Até em quaquer germanofilo,
Até no proprio inimigo,
Se o kaiser ficasse ferido
Seria tratado e afeudado
Atravez de todo o perigo.*

*As batalhas terminadas
Foram elas condecoradas
Mas a maior recompensa
Foi a voz da consciencia
N'uma grande independencia
N'uma alegria imensa!*

Al da P. Quintino



Má pratica

Cá temos outra mania, das muitas com que ultimamente os moralões querem transformar os costumes: o *Seculo*, desculpe-nos o papá, mas a lei é igual para todos, deu agora em descrever as *soaqueiras*, os *vitrinarios* e outras figuras importantes, provavelmente para nos prevenirmos contra elas ou para que a policia as conheça.

E' uma deslealdade, que vai ofender a modestia de quem não deseja dar nas vistas, e uma prevenção a mais para as pessoas honestas, que já não tinham poucas. Não sabendo oficialmente com quem tratamos, nada nos obriga a mostrar desconfiança do proximo; de futuro, estamos bem servidos: a quantas pessoas de respeitabilidade teremos de deixar de apertar a mão!

Fado do bacalhau pôdre

MOTE

*Quem vir pôdre bacalhau
Não o trate com desdem
Porque Deus tambem castiga,
Não diz quando nem a quem.*

GLOSAS

Causou muita sensação
Em terras de Portugal
O bacalhau cheirar mal
Como qualquer cidadão!
Pois se até o proprio pão
E' tão nojento e tão mau,
Se tem farinha de pau
E de trigo tem tão pouca,
Como pode abrir a boca
Quem vir pôdre bacalhau!

Ha pessoas curiosas!
Não sabem o que lhes digo?
Que o nosso fiel amigo
Não pode cheirar a rosas.
Pois não são tão mal cheirosas
Mil outras coisas tambem?
Quando elas nos sabem bem
Perdoamos o fedor,
Coma o badejo, leitor,
Não o trate com desdem.

Como tudo anda por cá
Com tão grande carestia,
Quem sabe lá se algum dia,
Mesmo pôdre faltará?
Talvez quizesse *foie-gras*
Por este preço! Uma filga!
Não creia, pois, n'essa intriga,
Ou antes, n'esses boatos;
Não seja peor que os ratos,
Porque Deus tambem castiga.

Se havia de estar contente
A terra dos alfacinhas
Por não comer só espinhas,
Ainda reffla o dente!
E' pagar e ser prudente,
Não dizer mal do que tem.
Que se ao lojista convem
Por ganancia ou por capricho
Começa a vender só fixo,
Não diz quando nem a quem!

CARAPAU DE GATO.

EM FOCO

D. Antonio de Orléans y Bourbon



*Dizem que vossa alteza está maduro!
E apresentam, em prova da desgraça,
O ter gasto com fêmeas muita massa,
Ou, em bom castelhano, muito duro.*

*Pois eu, pelo contrario, afirmo e juro
Que se tal se deduz é por chalaça;
Fez o que outrem faria d'essa raça
Ou d'outra até, de sangue mais impuro.*

*Seria coisa assaz atrazadora
Julgar que uma pessoa perde o sizo
Por uma coisa que a ninguem desdoura.*

*Vou dar-vos um exemplo, se é preciso:
Pedi-me dez tostões uma senhora,
Dei-lh'os e estou sãosinho do juizo.*

BELMIRO.

Heterogeneidade

Não tarda que esteja resolvida a questão do barateamento do peixe, para o que ha já publicados muitos substanciosos projectos, tantos que, se nos podessemos alimentar de papel, substituiriam vantajosamente o dito comestível.

Um dos projectos, segundo diz um jornal, occupa-se ao mesmo tempo do custo do carvão, «muito de atender no estudo do problema». Pois decerto que é e escusado seria acentua-lo: sem carvão, como diabo se haviam de comer as belas das sardinhinhas assadas nas brazas?

Noticias de Fiume

Vamos agora explicar porque não se conseguia render Fiume pela fome, apezar de serem esses os desejos do governo italiano e de, na verdade, se ferem cortado as comunicações com



aquela cidade, não se deixando entrar mantimentos alguns. Tal fenomeno — o de Fiume continuar abastecida — deve-se tambem ao genio de Gabriel

d'Annunzio, conforme passamos a expôr:

No primeiro dia em que a fome começou a fazer-se sentir, foi o poeta procurando, afim de providenciar, o que immediatamente fez, recitando as seguintes quadras:

*Comer?! Maldito costume!
Não vêdes que é deshumano
Comer enquanto Fiume
Não se tornar italiano?*

*Não reclameis, gente fonta,
Que isso não é de soldados!
E disse, Fazei de conta
Que estais todos almoçados.*

Com estes substanciosos versos se contentaram os homens e lá os foram digerindo até á hora do jantar, mas como essa hora lhes fosse dada pelo estomago, voltaram á carga, pelo que Gabriel d'Annunzio, inflamado, lhes verberou o que se vai ler:

*Pois outra vez, vilanagem?
Sabeis vós o que vos digo?
Sustentai-vos de coragem
E carne do inimigo!*

*De resto, gente infiel,
Contente deveis estar
Que versos de Gabriel
Sustentam mais que um jantar.*

Não vale a pena traduzir os acepipes que o poeta serviu aos seus quando lhe foram pedir a ceia; fique-se, porém, sabendo que excederam os anteriores em inspiração, a qual, pelo que se vê, não foi uma coisa por aí alem.

Correspondencia

Lourenço G. B. — Toda a gente tem a mania de fazer versos! O' homem, porque não faz botas, que é officio tão rendoso?

A última rusga



—O' camarada: metemos esta gente no chelindró ou não?

—Não, bruto! As ordens são com as casas de tavolage e isto aqui é uma casa de batota!